

## ACELERAÇÃO SOCIAL E CULTURA DIGITAL: DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE ÀS IAS

RAFAEL GUTERRES ORTIZ<sup>1</sup>,  
SANDRO FACCIN BORTOLAZZO<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rafaelguterres.ortiz@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sandrobortolazzo@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade atravessada pelo uso constante de artefatos digitais — como tablets, smartphones, redes sociais e plataformas de compartilhamento de conteúdos — os processos de ensinar e aprender também vão ser reconfigurados, tendo a aceleração e o imediatismo como elementos constantes. É diante desse cenário que se insere o projeto de ensino “Entre pedagogias e o Digital: deslocamentos, trajetórias e aprendizagens”, do qual este trabalho resulta, a partir da minha experiência como bolsista. Partimos da hipótese de que os aparatos digitais, somados aos avanços recentes de recursos de inteligência artificial (IAs), engendram pedagogias e aprendizagens afinadas à Cultura Digital, capazes de reorganizar modos de interação, circulação de saberes e práticas educativas.

Com a presença cada vez mais intensa desses dispositivos e recursos nos espaços de sociabilidade — especialmente nas escolas e universidades —, este estudo busca analisar os deslocamentos provocados pelas tecnologias digitais nos processos educativos, contribuindo para fomentar debates junto a estudantes de licenciatura em formação. Tal proposta dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que inclui a Cultura Digital como uma das competências gerais a serem desenvolvidas, mas nem sempre oferece subsídios para uma reflexão sobre as implicações éticas e pedagógicas.

O trabalho justifica-se pela necessidade de problematizar visões deterministas sobre a tecnologia — a crença de que artefatos digitais e IAs produzem automaticamente determinados efeitos (positivos ou negativos) sobre aprendizagem, memória e cognição. Ao propor a análise desses fenômenos, busca-se oferecer um apoio documental e analítico que auxilie futuros professores a compreender que o uso pedagógico de tecnologias não é neutro, mas atravessado por escolhas.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Este trabalho, bem como as atividades propostas, fundamenta-se em uma metodologia que se desenvolve em duas etapas complementares. A primeira consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica, exploratória e de caráter teórico-analítico, construída a partir do diálogo entre obras e artigos acadêmicos que discutem a cultura digital, o uso de inteligências artificiais, o fenômeno da aceleração social, o regime de imediatismo e as transformações nas práticas educacionais contemporâneas. A segunda etapa, de cunho formativo, propõe a realização de atividades colaborativas entre estudantes de licenciatura, com vistas a fomentar reflexões críticas e a problematização de questões éticas e pedagógicas relacionadas ao uso de tecnologias digitais e IAs no contexto educacional.

Entre essas atividades, destacam-se: (i) rodas de conversa temáticas sobre casos reais e hipotéticos envolvendo o uso de IA em sala de aula, abordando dilemas éticos, autoria e confiabilidade da informação; (ii) simulações pedagógicas em que grupos elaborem planos de aula que incluam ou excluam recursos de IA, apresentando justificativas ; e (iii) debates argumentativos acerca dos impactos das tecnologias digitais e da IA na autonomia discente, no papel docente e nos processos avaliativos.

Essas ações serão desenvolvidas no mês de dezembro de 2025, no âmbito da disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação — componente curricular comum a todos os cursos de licenciatura da Universidade Federal de Pelotas —, culminando em discussões sobre as transformações nos processos educativos diante de uma sociedade marcada pelo investimento massivo em materiais e conteúdos digitais e atravessada por dinâmicas de imediatismo e aceleração.

O referencial teórico ancora-se no conceito de aceleração social de Hartmut Rosa, articulado às contribuições de Sandro Bortolazzo acerca da cultura digital e das plataformas como espaços constitutivos da experiência cultural e da formação das subjetividades. Soma-se a esse conjunto a reflexão de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida, em diálogo com o arcabouço normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), permitindo problematizar a interface entre políticas educacionais, tecnologias digitais e práticas pedagógicas no presente.

Com relação ao arcabouço teórico, é possível observar que o surgimento e a popularização de ferramentas como Gemini e ChatGPT — modelos de inteligência artificial capazes de processar linguagem, gerar textos, realizar análises complexas e simular interações humanas — representam uma nova etapa nesse processo, em que a mediação tecnológica não se limita à transmissão de informações, mas se expande para a produção de conteúdos, a personalização da aprendizagem e a criação de outras formas de interação pedagógica. Tais recursos inscrevem-se em uma cultura marcada pela rapidez na circulação das informações, pela multiplicidade de formatos e pela descentralização das fontes de conhecimento. As práticas de ensino e aprendizagem, nesse contexto, passam a dialogar com uma lógica de onipresença tecnológica, em que o espaço e o tempo escolares deixam de ser os únicos referenciais da experiência formativa. Isso desloca não apenas a forma como o conhecimento é acessado, mas também os modos como ele é legitimado, questionando ou mesmo deslocando o papel dos professores.

Por um lado, essas ferramentas ampliam as possibilidades de acesso a conteúdos e produção de conhecimento; por outro, suscitam debates sobre autoria, confiabilidade, dependência tecnológica e implicações éticas. É nesse cenário que se torna imprescindível articular tais discussões a referenciais teóricos que permitam compreender as dinâmicas culturais e subjetivas implicadas no uso das tecnologias digitais e das inteligências artificiais.

Para além disso, observa-se uma aceleração social e reconfiguração do tempo educativo. A noção de aceleração social, proposta por Hartmut Rosa (2019), oferece um aporte para compreender as mudanças no ritmo e na organização das práticas educativas diante do uso intensivo de tecnologias digitais. Para Rosa (2019), estamos diante de um tempo caracterizado por uma tríplice aceleração: técnica, associada ao desenvolvimento e à substituição veloz de tecnologias; das mudanças sociais, refletida na transformação acelerada de instituições e normas; e do ritmo de vida, que impõe aos sujeitos uma constante necessidade de adaptação.

No campo educacional, o uso de IAs como ChatGPT e Gemini pode ser lido como um exemplo paradigmático dessa aceleração. O acesso instantâneo a informações, a produção de textos e respostas automatizadas em segundos criam um regime de aceleração, com expectativas imediatas e que confluí a ideia de um tipo de aprendizagem rápida. Rosa (2019) alerta para o risco de um déficit de ressonância — a dificuldade de manter vínculos significativos com o conhecimento e com os outros em um contexto de aceleração constante. Em sala de aula, isso se manifesta na dificuldade de sustentar processos de investigação prolongados, na fragmentação da atenção e na substituição de práticas de construção coletiva por interações mediadas e rápidas.

O pensamento de Bortolazzo (2020) contribui para aprofundar a compreensão de como a cultura digital reconfigura não apenas os processos de ensino-aprendizagem, mas também a constituição das subjetividades. Ao tratar das plataformas digitais como espaços constitutivos da experiência cultural, Bortolazzo (2022) evidencia que redes sociais e ferramentas digitais não são neutros: eles carregam lógicas de funcionamento, algoritmos e valores que moldam as formas de interação, os conteúdos priorizados e os sentidos atribuídos à aprendizagem. No caso de IAs, a interface amigável, simples, direta e a capacidade de gerar e personalizar respostas conferem uma sensação de proximidade e facilidade que, embora positiva em termos de acesso, pode induzir à não busca por respostas corretas, ou seja, creditando às IAs valor de verdade.

Já a contribuição de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida ajuda a compreender a instabilidade e fluidez que caracterizam as relações sociais e educativas na contemporaneidade. Para Bauman (2001), vivemos em um contexto de mobilidade intensa, em que vínculos, valores e conhecimentos tornam-se transitórios e adaptáveis a circunstâncias voláteis. No campo da educação, a liquidez manifesta-se na forma como conteúdos e metodologias se tornam rapidamente obsoletos, exigindo atualização constante. As IAs intensificam essa dinâmica, pois são capazes de incorporar novas informações e funcionalidades em ciclos muito mais curtos que os humanos podem acompanhar. Isso cria um descompasso entre a velocidade das mudanças tecnológicas e a capacidade institucional e pedagógica de integrá-las de maneira consistente. A aprendizagem tende a ocorrer de forma fragmentada e distribuída, em múltiplos espaços — formais e informais —, muitas vezes mediados por dispositivos móveis e redes digitais.

Um último aspecto é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que insere a Cultura Digital como uma das competências gerais a serem desenvolvidas pelos estudantes da Educação Básica, reconhecendo a necessidade de preparar os sujeitos para compreender e utilizar as tecnologias digitais de forma crítica. Entretanto, a abordagem da BNCC apresenta desafios. Embora estabeleça a importância da cultura digital, nem sempre fornece orientações claras sobre como integrá-la de modo reflexivo, capaz de questionar as lógicas de aceleração, visibilidade e liquidez. Sem contar com a nova Lei que proíbe o uso de aparelhos celulares em sala de aula, que é um debate importante, mas posterior dentro da pesquisa. No caso específico das IAs, a ausência de referenciais pode levar a um uso acrítico e tecnicista, reforçando a crença no determinismo tecnológico — a ideia de que a tecnologia, por si só, é capaz de produzir melhorias automáticas na aprendizagem.

Ao articular a BNCC com os aportes teóricos discutidos, percebe-se a urgência de inserir, na formação inicial e continuada de professores, espaços para debater o impacto das tecnologias digitais e das IAs não apenas como ferramentas,

mas como fenômenos culturais e sociais que reconfiguram a própria noção de educação.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto as atividades quanto as reflexões tecidas ao longo deste estudo indicam que a emergência de tecnologias digitais, notadamente os da Inteligência Artificial, ampliam o repertório de recursos disponíveis no contexto educacional, mas também tensionam as estruturas temporais, curriculares e relacionais que sustentam os processos de ensino e a aprendizagem. Sob a ótica da aceleração social de Hartmut Rosa, característico dos tempos líquidos, como menciona Bauman (2001), percebe-se que tais ferramentas intensificam o ritmo das interações e a expectativa por respostas imediatas, o que pode comprometer processos formativos, seja em termos éticos ou mesmo epistemológicos.

A cultura digital opera na constituição de subjetividades e práticas educativas marcadas pela fluidez, pela mobilidade e pela fragmentação, desafiando as instituições a repensarem seus papéis. Nesse sentido, as atividades propostas — rodas de conversa, simulações pedagógicas e debates argumentativos — representam um caminho metodológico para que estudantes de licenciatura problematizem, de forma crítica, as implicações éticas e pedagógicas do uso das IAs. Ao promover um espaço de diálogo e experimentação, essas práticas buscam deslocar a lógica puramente instrumental, para ser pensada em consonância com princípios de autoria e confiabilidade da informação. Por fim, este trabalho reforça que a inserção da cultura digital como competência na BNCC não pode se limitar à capacitação técnica para o uso de ferramentas, mas precisa englobar uma abordagem que considere os condicionantes sociais, políticos e culturais do ambiente digital. Assim, mais do que preparar futuros docentes para lidar com as tecnologias, pretende-se fomentar sua capacidade de interrogar os sentidos, as possibilidades e os limites dessas inovações, preservando o caráter humano, ético e dialógico da educação.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BORTOLAZZO, S. F. Das conexões entre cultura digital e educação: pensando a condição digital na sociedade contemporânea. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 369-388, 2020.

BORTOLAZZO, S. F. O Dilema das Plataformas e Redes Digitais: processos educativos, docência e neoliberalismo. **Caderno de Educação**, Pelotas, RS, n. 66, p. 01-20, 2022.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.